

Um desperdício de bons temas

Rubens Araújo

A mostra competitiva dos filmes em 16 mm do 21º Festival de Brasília decepcionou. Os bons temas foram desperdiçados em filmes longos e cansativos. A linguagem cinematográfica foi trocada pela da televisão. A verborragia imperou, em detrimento das imagens. A melhor fita da mostra, **Uaká**, de Paula Caetan, ensinou como fazer um bom documentário sem precisar de intermináveis discursos. **Uaká**, contudo, está fora de competição.

A exemplo da mostra em 35 mm, os competidores em 16 mm dividiram-se entre documentários e filmes de ficção. Quase que meio a meio. As fitas documentais, com raras exceções, pecaram pela falta de criatividade e excessos verbais. **Uma Questão de Terra**, de Manfredo Caldas, sobre vários conflitos de terra no Nordeste brasileiro, e **Mulheres, uma Outra História**, de Eunice Gutman, sobre a mulher e seus direitos, são exemplos clássicos de como fazer cinema falado.

Os grandes temas, como a Reforma Agrária e a própria questão da mulher, foram apresentados como um documentário da década de 50. Rádio puro. E cinema é, antes de tudo, força de imagem.

Paula Gaetan pegou os mesmos personagens de Rubens Rocha, os indígenas, e captou imagens brilhantes para o seu **Uaká**, que passou ontem, último dia da mostra competitiva. O Kuarup e a preparação para o ritual foram documentados com ângulos inéditos e surpreendentes. E o que é melhor: os índios não precisaram da interferência humana para contar seu cotidiano. A diretora preferia por depoimentos em **off** na língua indígena. O ouvido dos brancos não entendia nenhuma frase. E nem precisava.

Os filmes de ficção da mostra eram superficiais e alguns, totalmente incompreensíveis. Dois deles, **Gardênia Azul**, de Cecília Saint-Pierre, e **Amor e Morte**, de Walquíria Ribeiro, destruíram o vampirismo, um tema profundo e totalmente simbólico. A intenção, porém, não era dessacralizar. Os argumentos dos dois médias eram totalmente absurdos. O que tinham de clássico, tinham de aborrecidos. Os atores amadores só colaboraram para piorar tudo.

Quatro filmes podem ganhar o Candango de melhor fita. O primeiro já levou um prêmio na última Jornada Internacional da Bahia, o que pode prejudicá-lo. É **P.S.W., uma Crônica Subversiva**, de Paulo Halm e Luiz Campos. O média, que quase não entrou na mostra, conta a história de Paulo Stuart Wright, um deputado que entrou com tudo na luta contra a ditadura militar. Terminou desaparecido. Mas, os dois diretores o encontraram nesse ficção-documentário que conta com uma interpretação sensível de Antônio Fagundes.

O Mundo Perdido de Kozak é um filme que pode surpreender na hora da premiação. O média-metragem é uma homenagem ao tcheco Kozak que chegou ao Brasil na década de 30, e a partir de então registrou com sua câmera fotográfica e máquina de filmar tribos que hoje estão desaparecidas. Uma bela homenagem, feita com competência pelo cineasta Fernando Severo.

Manuscrito Achado num Bolso é um exercício sensível de Ricardo Canelossi. Baseada num conto de Júlio Cortazar, a fita conta a história de um homem que descobriu um método especial para flertar com as mulheres dentro do metrô. A complexa personalidade do "paquerador" não deixa o filme cair no vácuo. E Canelossi conseguiu sustentar bem a personagem. **A Ponte**, de Marcos Escobar, é outro que concorre ao prêmio. O diretor não soube trabalhar a angústia do personagem, um saxofonista em crise existencial. Mas, na falta de algo melhor, esse média pode também surpreender.